INSTITUTUM SAPIENTIAE
ORDINIS CANONICORUM REGULARIUM SANTAE CRUCIS

Cursus Philosophiae

WANDERSON DA SILVA REIS

A FORMAÇÃO DA PESSOA EM EDITH STEIN

ANÁPOLIS-GO

2018

WANDERSON DA SILVA REIS

A FORMAÇÃO DA PESSOA EM EDITH STEIN

Trabalho apresentado no seminário de Antropologia Psicológica sob orientação do Prof. Dr. Pe. Andreas Dankl ORC.

ANÁPOLIS-GO

2018

SUMÁRIO

1 Introdução**.....3**

2 Noção de pessoa em Edith Stein**.....4**

1.1 Concepção de pessoa.....4

1.2 Os estratos da pessoa humana: Corpo, Psique e Espírito.....5

1.3 Núcleo constitutivo da pessoa.....7

3. Formação do sujeito**.....9**

3.1 o método fenomenológico.....10

3.2 A formação a partir do núcleo da pessoa.....10

3.3 A auto formação e o formador.....12

4 A FORMAÇÃO DA PESSOA PARA A VIDA EM COMUNIDADE**.....14**

4.1 O ser humano como ser social.....14

4.1.1 Pessoa e integração social**.....16**

4.2 Pessoa e Transcendência.....17

5 Conclusão**.....19**

REFERÊNCIAS.....

.....20

1 INTRODUÇÃO

A sociedade hodierna sofre uma enorme crise existencial, em que muitas pessoas demostram não sabem quem são, além de não enxergarem, muitas vezes, o enorme número de possibilidades que virão com o decorrer da vida. E se assim vivem não conseguem encontrar na maioria das vezes sentido para viver e nem elaboram metas a serem alcançadas. Baseando em tais carências humanas, Edith Stein vê a necessidade de aprofundar no estudo da pessoa humana, compreendendo a sua estrutura ôntica, como também sua natureza e vida social, e a partir de tal análise elabora um caminho de formação pessoal, baseando na individualidade e interioridade do sujeito.

O presente trabalho busca apresentar parte deste plano elaborado por Stein, demostrando um caminho para a pessoa, desde de seus estratos (corpo, psique e espírito) até sua perfeição que está na relação com o Absoluto: Deus. Como metodologia, este trabalho segue a pesquisa especulativa, em autores que aborda temáticas em Edith Stein, para assim após a leitura de tais, apresentar as ideias centrais do pensamento desta grande filósofa a respeito da Antropologia.

O trabalho se divide em três capítulos. No primeiro capítulo é apresentado a concepção que Stein têm acerca da pessoa, os estratos da pessoa humana (ressaltando a integridade de ambas as partes constituintes) e por fim o núcleo como realidade a ser formada. O

segundo capítulo apresenta o sujeito como aquele que será formado, além de demostrar o método fenomenológico como caminho e ajuda para tal formação, e também demonstrar a autoformação de cada um, que em alguns casos precisa ser acompanhado por um educador, como aquele que ensina a trilhar o caminho. O terceiro capítulo, aborda a pessoa na sua vida social, e apresenta a necessidade de nela estar inserido, e assim traça a relação pela empatia (como meio de integração social) e termina apresentando a perfeita relação de intersubjetividade que existe entre a pessoa humana e Deus.

É preciso entender que a formação da pessoa não é apenas compreender o ser na sua singularidade, mas na totalidade que é, e por isto basear em Edith Stein é voltar o olhar para o essencial e nobre que cada pessoa humana carrega dentro de si.

2 NOÇÃO DE PESSOA EM EDITH STEIN

Edith Stein (1891-1942), filósofa do período contemporâneo, sempre foi desejosa em conhecer a verdade e satisfazer a sua sede de conhecimento, assim encontra a fenomenologia e dedica seus estudos com base nos ensinamentos do mestre Edmund Husserl (1859-1938). A fenomenologia para ela, servirá para entender tanto os fenômenos como também a pessoa humana, que será grande objeto de seu estudo.

Stein enxerga com grande importância a necessidade de entender a pessoa, não tem o desejo de ficar apenas em conceitos e definições, assim "ela não busca compreender o significado da palavra "pessoa", mas busca entender a pessoa como fenômeno. Isso quer dizer que a antropologia filosófica proposta por Edith Stein não é construída sobre uma formulação ideal do que seria uma pessoa, mas sobre a experiência do ser pessoa"[1].

[1] F. ALFIERI. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein.* São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 18.

2.1 CONCEPÇÃO DE PESSOA

Pessoa etimologicamente, vem do grego *prósopon*, (*pros*= voltado para), *ops* (= olho) máscara de teatro e do latim *persona,* significa máscara, papel. Edith Stein não busca uma definição, mas deseja um entendimento da pessoa, e para isto ela parte do princípio de individuação, apresentado por dois filósofos escolásticos, Santo Tomás de Aquino (1221-1274) e Duns Escoto (1226-1308), que contribuíram para a compreensão do indivíduo como único e irrepetível. Na sua análise Stein tem maior predileção aos escritos de Duns Escoto, afinal para ela o seu conceito de individuação é mais esclarecedor, que o de Santo Tomás de Aquino.

Para Santo Tomás de Aquino "o princípio de individuação das substâncias corpóreas é a matéria marcada ou designada pela quantidade (*materia signata quantitate*), isto é, a matéria considerada nas suas dimensões espaciais concretas (*considerata sub determinatis dimensionibus*)"[2], isto indica que o elemento que diferencia os indivíduos é a matéria pela qual é formado. Portanto, se a matéria é o fator diferencial, pode acontecer por algum motivo de indivíduos possuírem característica idênticas, assim, Santo Tomás apresenta que o critério de análise de diferenciação será o seu lugar no espaço que fará que seja a si mesmo e não outro. "Para a escola tomista, a *materia signata quantitate* e a dimensão espaço-temporal seriam suficientes para dizer que o indivíduo é uma pessoa"[3].

Já Duns Escoto parte de uma análise diferente de Santo Tomás de Aquino, pois, para Escoto nem a matéria nem mesmo a forma podem ser consideradas como princípio de individuação, pois a matéria em si é indeterminada e não pode produzir distinção e diversidade, e a forma em si é comum tanto à universalidade, quanto a individualidade, assim, o princípio de individuação se encontra inerente a realidade última, a *haecceitas*[4]*.* Por meio deste princípio se tem a manifestação da

[2] F. V. STEENBERGHEN. *O Tomismo*. Lisboa, Gradiva: 1990. p. 97.
[3]ALFIERI, p. 40.
[4] Este termo foi muito usado por Duns Escoto, e ele em si representa o princípio de individuação.

perfeição pelo qual todo ser é aquilo que é, e se distingue de todos os demais seres, demostrando sua irredutibilidade e particularidade frente aos seres da mesma espécie.

Com esta concepção “Edith Stein parte de um princípio semelhante ao de Duns Escoto, pois, ela afirma que o ser humano possui em sua estrutura pessoal uma unicidade, e é por meio do reconhecimento de sua própria singularidade que ele pode sair de si mesmo, abrindo-se, livremente, ao mundo e aos outros[5]”.

2.2 OS ESTRATOS DA PESSOA HUMANA: CORPO, PSIQUE E ESPÍRITO.

Estes estratos que partem da análise steiniana são essenciais para que assim se possa entender a estrutura da qual recebera à formação proposta por ela, ou seja, a pessoa humana. A compreensão de Edith Stein no que se refere a unidade real entre corpo e alma, não parece se distanciar muito da tomista, no entanto a sua concepção é “influenciada por um léxico psicológico e por toda uma bagagem moderna, que já consegue tratar da consciência e não se fixar somente na substância”[6], mas ela não chega a negar a realidade objetiva como também compreensão real do ser humano.

O corpo abarca em si a realidade material, e este pode ser compreendido como corpo físico e um corpo vivenciado. O corpo físico é a realidade material em ser, demostrando sua realização na matéria, caracterizando existência e apresentando a permanência em um espaço. Contudo Edith Stein também fala do corpo vivenciado (que não é apenas este ser material) que é algo próprio da criatura racional, pois esta tem “consciência da sua própria corporeidade, por meio da percepção e receptividade”[7], e o reconhecimento desta parte corpórea é importante pois está ligada ao pertencer a si mesmo. O corpo pode ser

[5] M. CRUZ. *Breve Tratado sobre Pessoa, Comunidade e Empatia em Edith Stein.* Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/19.pdf>. Acesso em 27 set. 2018 às 16h45. p. 3.
[6] *Ibid.*
[7] *Ibid.* p. 4.

considerado como o campo perceptivo da pessoa, uma vez que por meio dele se pode conhecer a realidade externa, ou seja, a pessoa percebe que existe realidades que não são ela mesma.

O que não se pode deixar de perceber na pessoa é esta importância do corpo, uma vez que a sua dimensão interior (parte importante e fundamental) realiza-se por meio dele, assim a relação de ambas se percebe quando "a vida interior não só forma o corpo, mas se representa no corpo e por meio do corpo"[8]. Edith Stein considerava o corpo humano "como 'teatro da vida que se manifesta', espaço em que é colocado em cena o que somos"[9], uma vez que ele serve como instrumento para cumprimento da interioridade e atividade psíquica, manifestando também para além de si[10]. O corpo do ser humano é o lugar em que acontece a manifestações dos eventos da alma e dos eventos psíquicos. "A corporeidade assume um papel fundamental para o conhecimento humano, é por meio dos sentidos e do fazer-se visível que o acesso às coisas e às pessoas acontece"[11].

Edith Stein tem como segundo estrato a psique, e utiliza o conceito de alma para se referir a estrutura da psique. Pode-se entender que "a psique significa uma realidade existente no mundo, dotada de qualidades identificadas em um eu real e concreto, empiricamente existente"[12], assim a psique da pessoa humana está unida ao corpo, como lugar da manifestação, e com isto existe a possibilidade de se referir das vivências psíquicas da pessoa, bem como suas características concretas. "A psique pode ser compreendida como a dimensão da interioridade que se expressa na corporeidade e como expressão dos atos espirituais que podem direcionar as vivências

[8] A. A. SBERGA. *A formação da pessoa em Edith Stein*: um percurso de conhecimento do núcleo interior. São Paulo: Paulus, 2014. p. 75.
[9] M. MAHFOUD; J, SAVIAN FILHO (orgs.). *Diálogos com Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2017. p. 290.
[10] Cf. SBERGA, 2014. p. 76.
[11] M. B. KUSANO. *A antropologia de Edith Stein:* entre Deus e a filosofia. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. p. 73.
[12] STEIN, 1917/1998, 1922/1999n, 1932/2001 in A. G. COELHO JÚNIOR; M. MAHFOUD. *A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein*. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/10022/7743>. Acesso em 19 set. 2018 às 14h15. p. 11.

propriamente psíquicas”[13], ou seja, os estágios psíquicos da pessoa podem ser demostrados no real, bem como podem ser conhecidos.

A psique possui uma existência concreta e também no tempo, por isto ela está vinculada ao corpo vivente (como local manifestado). E como esta é individual, apresenta características específicas em cada pessoa, sejam elas sensíveis ou espirituais (intelecto e vontade). Por meio da psique o ser humano relaciona a qualidade e intensidades das ações humanas além de trabalhar a sua interioridade.

O ser humano vai mais além, e Edith Stein compreende uma realidade que o diferencia dos demais seres materiais, o Espírito. “A dimensão do espírito é regida pela capacidade intelectual e voluntária de controle, que está ligada à unidade do eu, e sendo assim, pode se colocar em confronto com o corpo e as adversidades provindas do exterior”[14], ou seja, é nele que opera toda atividade intelectual, bem como a atividade volitiva, sendo o lugar da ação da consciência como também a implicação da liberdade.

Ser espiritual no homem, demostra que ele possui a capacidade de confrontar com a realidade exterior com aquilo que é, não ficando apenas no nível animal de apenas recepção. Assim o corpo tem um papel importante para este estrato, afinal ele passa “por um processo de espiritualização pessoal, de servir [servindo] como instrumento de atuação e criação do espírito”[15]. Com isto percebe-se que o corpo dá notícia do que vive dentro de si, como também revela os significados do modo de ser espiritual do homem. Em síntese “a dimensão espiritual humana não envolve apenas a razão e o intelecto, mas também a vontade, pois essa se manifesta à consciência movendo ou não o homem à ação”[16].

2.3 NÚCLEO CONSTITUTIVO DA PESSOA

[13] STEIN, 1922/1999n in *Ibid.* p. 11.

[14] KUSANO, p. 87.
[15] *Ibid.* p. 89.
[16]CRUZ, p. 5.

Edith Stein na sua análise antropológica da pessoa humana, chega a uma concepção muito singular e profícua, que será fonte indispensável para entender no sentido mais profundo, o que o ser humano tem de diferente dos demais animais, ou seja, a interioridade. Com isto, ela começa a entender o interior do ser humano, chegando assim ao núcleo:

> [...] Stein desenvolveu a noção de núcleo (*Kern*), que não é uma substância de condição material, definindo-a como a característica da singularidade pessoal. Cada ser humano tem uma particularidade que está além da dimensão do corpo, do psíquico e do espírito, que a filósofa afirma que é como uma marca distintiva, um 'selo', que identifica a peculiaridade da pessoa como ser único e genuíno. Essa característica distintiva se encontra na essência, no interior mais profundo da pessoa, em seu núcleo definido por Stein como 'alma da alma'[17].

Alma da alma ou núcleo é o lugar que não se vê, mas que traz: história, vivência, desafios, possibilidades, singularidade e principalmente a individualidade que mostra que a pessoa é única e distinta de tudo e de todos, sendo ele (núcleo) uma realidade que está superior a todos os estratos que se concebe, e ele também pode ser descrito como o "selo que identifica cada ser humano como uma pessoa única e genuína"[18].

O núcleo é a casa das possibilidades que uma pessoa possui e poderá possuir, ou seja, tudo aquilo que pode 'vir-a-ser' está contido nele, sendo a residência das potências existentes. E se este é algo potencial, logo o que se deve fazer é sua atualização para que cada vez mais se tenha exteriorizado o que carrega internamente. "O núcleo é aquilo que a pessoa é em si"[19], pois o que já foi estava lá nele, é o que será está nele, neste sentido o 'vir--a-ser' não é algo que se agrega, mas atualiza. Neste sentido torna explicito o adágio de que o 'homem é muito mais do que ele pensa ser'.

[17] SBERGA, p. 89.
[18] CRUZ, p. 5.
[19] SBERGA, p. 90.

O núcleo é sempre a realidade que se forma, uma vez que o objetivo da formação é fazer ‘vir-a-ser’ o que está dentro, esta usa o núcleo como casa das possibilidades. Assim, Edith Stein compreende que esta formação é algo que perdura por toda a vida, afinal, nenhuma pessoa é capaz de atualizar tudo o que está dentro de si, e neste sentido sempre existe uma relação de potência (capacidade de vir a ser segundo aperfeiçoamento) e vontade (querer aprofundar e tornar-se). No entanto, toda esta passagem que acontece se dá por meio de motivações, ou seja, sempre que existe um movimento de tornar-se algo (no sentido de atualização) a pessoa se sente motivada e desejosa. Para que tal atualização dê frutos, é preciso liberdade do sujeito, afinal a atualização do núcleo deve ser como algo não-violento para que se possa frutificar e perdurar, pois se, se obriga ou impõe, não se tem motivação e muito menos liberdade (esta é o ponto essencial no processo formativo que será posteriormente tratado). A pessoa precisa sempre querer entrar em contato com o seu núcleo, pois, se assim não fizer será impossível de realizar e exteriorizar a grande quantidade de possibilidades que se tem.

3 FORMAÇÃO DO SUJEITO

Edith Stein via em cada sujeito individual uma enorme possibilidade de ser muito mais do que já se era, afinal cada um na sua interioridade carrega coisas que se desconhecem, segundo a razão atual, mas que ao longo de vivências vão se clarificando. Por meio da concepção da estrutura da pessoa, se observa que os seres humanos diferenciam dos demais segundo a função e o modo de atuação de seus estratos. Como a pessoa é um ser espiritual e consciente, o desejo de Edith Stein é elaborar um método que viabilize o crescimento e desenvolvimento do núcleo. Formar o ser humano é de suma importância, afinal “ele é um ser que diz de si eu”[20], não ficando velado mais sempre revelado, e este revelar-se faz com que ele seja diferente

[20] STEIN, 1932-1933/2000 in SBERGA, p. 106.

de todos os outros animais, assim também “ser pessoa quer dizer ser livre e espiritual”[21].

Para Stein, a formação se diferencia não ficando no comum a todos, mas no específico, ou seja, o modo particular de se formar de acordo com a liberdade e a tomada de sua forma substancial (que algo característico de um ser singular). A propósito:

> [...] a formação é um processo de colaboração para o desenvolvimento da pessoa por meio da sua força vital, para que esta se torne aquilo que deve ser, segundo suas potencialidades internas, ou seja, para que se realize em ato o que está prescrito na sua forma substancial[22].

Para Edith Stein “a formação (*Bildung*) precisa ser condizente com a estrutura da pessoa e, em vista disso, ela apresenta sua concepção sobre formação, esclarecendo que seu objetivo é permitir que a personalidade humana assuma a sua forma própria”[23], ou seja, o desejo é simplesmente trazer o que está em si mesmo. Stein deixa claro que devido ao estrato espiritual a pessoa é livre, por isto pode ou não acolher e querer a formação, com isto nota-se que o trabalho não acontece somente externamente, mas sem dúvida internamente, permitindo ter com certeza de que “a formação é a atualização cada vez mais completa da forma, num processo que acontece de dentro para fora”[24]. Tudo agirá em vista de alcançar e atualizar o que está potencialmente na ‘alma da alma’, ou seja, no núcleo. E deve sempre ser levado em consideração que objetivo maior é o ganho da autonomia pessoal.

3.1 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Stein no desenvolvimento do seu método pedagógico de formação, parte do método desenvolvido por seu mestre Edmund

---

[21] *Ibid*. p. 107.
[22] A. A. SBERGA; M. MASSIMI. *A formação da pessoa em Edith Stein, princípios educativos e aproximação com o Sistema Preventivo de Dom Bosco*. Disponível em: <http://revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/download/397/317/>. Acesso em 04 out. 2018 às 15h05 >. p. 218.
[23] SBERGA, p. 133 (grifo nosso).
[24] *Ibid.* p. 135.

Husserl, chamado de método fenomenológico. Sob o ponto de vista da fenomenologia, Stein considera o método como:

> [...] o princípio mais elementar do método fenomenológico: considerar as coisas por elas mesmas. Não levar em conta as teorias sobre as coisas, excluir, onde é possível, tudo o que se aproxima, se lê ou que se construí sozinho, aproximar-se dela com um olhar privado de preconceitos e captá-las com uma visão imediata. Se queremos saber como é o ser humano, devemos nos colocar como é o ser humano, devemos nos colocar no modo mais vivo possível, na situação na qual fazemos experiência de seu ser aqui, quer dizer, daquilo que experimentamos no encontro com os outros. Isso parece soar como empirismo, mas não o é se com o termo empiria se entende só a percepção e a experiência de coisas particulares. O segundo princípio recita: endereçar o olhar ao essencial. A intuição não é só a percepção sensível de uma certa coisa singular como essa é aqui e agora; há uma intuição daquilo que essa é segundo a sua essência e isso pode, por sua vez, significar o que essa é segundo o seu próprio ser, é o que esse é segundo a sua essência universal[25].

A fenomenologia tem sempre como objetivo colocar entre parênteses saberes anteriores, teorias, omitir juízo, para assim poder fazer a *epoqué* (captar a coisa por ela mesma), que será a finalidade da aplicação. Para formar a pessoa é primordialmente necessário conhecê-la para que se possa saber realmente o que ela traz consigo e entender o que precisa ser atualizado, e este conhecer acontece antes de mais nada, por meio do processo vivencial. –

Por meio da fenomenologia se tem a novidade que se refugia no campo da consciência. Os atos da consciência são de grande importância, ao serem analisados sob o aspecto da fenomenologia, devido ao crescimento pessoal levar à uma autonomia e acesso dos mesmos[26].

3.2 A FORMAÇÃO A PARTIR DO NÚCLEO DA PESSOA

Formar é sempre começar por dentro, era o que defendia Edith Stein, afinal é sempre no núcleo que se deve debruçar para a formação do indivíduo. Formar é se tornar aquilo que se carrega na forma

[25] STEIN, 1932-1933/2000 in SBERGA, p. 146 (grifo nosso).
[26] Cf. *Ibid.* p. 151-152.

interna (núcleo), como uma planta que cresce. “Contudo a sua possibilidade de crescimento vai depender de cuidados e substâncias externas que recebe”[27]. Na formação exige ações internas e também externas uma vez que a pessoa não consegue isolar da realidade externa.

Baseando-se no método fenomenológico Edith Stein vai para o núcleo, reduzindo fatores externos para ficar com o essencial de cada pessoa. O núcleo é a casa da individualidade, uma vez que ele não é comum a todos, mas totalmente particular, e com isto se conclui que:

> [...] é ‘o núcleo que determina intrinsicamente o inteiro processo de formação’ (Stein, 1931/2003, p. 198) da pessoa e faz isso por meio do desenvolvimento das potencialidades, ou seja, é o núcleo que favorece a formação da pessoa por meio da atualização das potências, que por consequência formam os hábitos e, quando esses são frequentes, delineiam o caráter[28].

Os indivíduos são vistos como representantes de alguns tipos, ou seja, todas as pessoas estão inseridas nele, e entender o qual cada um está é importante, pois, a formação do núcleo vai basear-se em grande parte em vista deste (seja os fatores positivos e as resistências).

“O tipo não é algo imutável”[29], ou seja, não é determinante que não exista possibilidade de deslocar de um modo para o outro, mas pelo contrário, eles são diversos como: o tipo infantil, jovem, adulto, habitante do campo ou da cidade, etc., e por meio da diversidade existe a possibilidade de ver que alguém pode estar em mais de um tipo, e também é capaz de passar de um para outro com facilidade, como por exemplo: passar do tipo jovem para o adulto. “Os tipos variam e podem sofrer alterações tanto para melhor quanto para pior, e, em grande parte, essas mudanças ocorrem devido às influências do meio em que vive”, por isto, é preciso saber integrar a interioridade com o meio.

O tipo de uma pessoa pode ser maculado pela realidade externa (como influências de uma sociedade hedonista, erótica, corrupta violenta, entre outros), mas Edith Stein apresenta que mesmo inserido

[27] *Ibid.* p. 153.
[28] *Ibid.* p. 92.
[29] *Ibid.* p. 196.

em tal ambiente a pessoa deve querer buscar o tipo ideal, pois para ela "é possível para todos os seres humanos, devido ao fato de que a alma humana é potencialmente dotada de qualidades que precisam ser desabrochadas e desenvolvidas"[30]. Esse tipo ideal a ser alcançado é apresentado por Edith Stein "na pessoa de Jesus Cristo, como ápice da perfeição humana, o qual se torna referência e modelo para todo indivíduo"[31]. E Stein ainda apresenta que a aquisição deste está muito ligado a ambientes de propostas positivas, de bons exemplos e de relações mais humanas, onde a honestidade, o altruísmo e a solidariedade.

A pessoa se atualiza no tempo e sempre vai atravessando etapas de sua vida por meio da atualização. Este atualizar caracteriza na pessoa o seu caráter, que se forma com o passar do tempo e o decorrer da vida, afinal não é algo inato, mas sempre será por meio de vivências e atualizações baseadas no acordo entre interioridade e ambiente externo.

Quando a pessoa permite a configuração e habituação de si por meio da atualização de suas potências, se dá o nome de caráter, "então, o caráter é a 'forma' habitual da pessoa._E Stein entende que a formação da pessoa se dá por meio da formação do seu caráter"[32].

> Para formar o caráter, é necessário, segundo Stein, que a pessoa tenha um conhecimento da essência universal do ser humano e, ao mesmo tempo, tenha um objetivo, uma meta ou um ideal de caráter a ser alcançado. Por isso, afirma Stein, a motivação para almejar um ideal caráter depende de como a pessoa 'sente a si mesma'. 'Quem está em paz interiormente não encontra estímulo algum para mudar a si mesmo; quem ao contrário sente em si um mal-estar [...] interno, encontrará nisso motivo para sair do mal-estar'[33].

Com isto, na medida em que a pessoa vai atualizando as suas potências presentes no núcleo individual, vai-se formando o caráter pessoal. E conforme Stein, as disposições da vida irão influenciar e muito nesta transformação de si, e como também o meio social.

[30] *Ibid.* p. 201.
[31] *Ibid.*
[32] *Ibid.* p. 87.
[33] STEIN, 1931/2003 in *Ibid.*

Afirmando que o caráter individual, traz semelhanças aos membros da comunidade à qual está inserida, portanto a formação deve sempre levar em consideração este meio. O tipo ao qual a pessoa faz parte demostra as possibilidades, os avanços e as conquistas que o caráter pode alcançar.

3.3 A AUTO FORMAÇÃO E O FORMADOR

Os seres são formados a partir de fora (por meio de ações externas), mas também a partir de dentro. A formação que vêm de dentro para Edith Stein é a mais importante, afinal o ser humano pode ser modulado por ações externas, mas a formação de fato acontece quando se apropria daquilo que se recebe interiormente.[34] E é segundo esta concepção que Stein diz que toda formação é uma auto formação.

O processo de formação é constituído por uma "matéria assimilada e formada e por uma forma interior que assimila e forma"[35], e Stein via a importância de entender este processo pelo fato de que não é apenas algo externo, pois se assim fosse, o adquirir conteúdos bastaria (não que não seja necessário), mas seria o suficiente para o ser humano estar formado. Mas a auto formação se baseia na liberdade do indivíduo que decide para si e que também apresenta metas e objetivos para serem alcançados. Quando o ser humano busca este formar-se baseado na liberdade, ele consegue assumir sua vida na verdade e responsabilidade, sendo capaz de um direcionamento seguro. Assim "o dever de formar a si mesmo é um apelo dirigido à alma ou à consciência"[36], pois o ser humano precisa aprender a julgar segundo a objetividade de sua interioridade ao agir.

No entanto, nem tudo depende do sujeito livre que é o agente de sua formação, pois existem forças involuntárias, que muitas vezes estimulam ações não desejadas pelo sujeito, permitindo conceber que nem tudo está ao seu alcance, assim Edith Stein reconhece o papel do formador. E Stein "considera que o educador desempenha um papel

[34] Cf. M. MAHFOUD; J. SAVIAN FILHO, p. 298.
[35] *Ibid.* p. 198.
[36] SBERGA, p. 209.

insubstituível na formação do educando, e ele mesmo deve se sentir plenamente responsável e comprometido”[37], uma vez que ele conhecendo as possibilidades da pessoa da qual ele está auxiliando no processo formativo, precisa fazer com que ela alcance o maior número de atualização do seu núcleo possível, bem como uma enorme autonomia pessoal.

O educador será aquele que apresentará os materiais formativos, trará em si sempre um contexto motivacional, e por meio de sua experiência de vida unida com o seu bom exemplo, irá levar a pessoa que está se formando o desejo de cada vez mais tornar-se o que é interiormente. O formador nada impõe, mas ajuda, pois, é muito difícil formar-se sozinho, e Stein diz que em alguns casos seja até impossível.

O formador apenas conduzirá à autonomia pessoal, para que assim tendo uma consciência bem formada possa ser livremente. O ser humano precisa reconhecer que não se forma automaticamente, mas segundo degraus que são reconhecidos muitas vezes com a ajuda de um outro. “Assim se compreende que formar não é levar a fazer uma experiência qualquer, mesmo que seja boa e útil, mas ajudar a descobrir aquilo que é específico da pessoa, para permitir que seu potencial aflore”[38].

4 A FORMAÇÃO DA PESSOA PARA A VIDA EM COMUNIDADE

A pessoa humana é um ser que vive no mundo, e parte de seu ser está ligada ao conviver em comunidade, e Edith Stein na elaboração do processo de formação da pessoa reconhece que viver junto ao outro, é meio fundamental do formar-se, e por isto a pessoa humana deve sempre querer aprender e viver junto aos outros. Para Stein a pessoa é “por natureza membro da comunidade”[39], ou seja, desde o nascimento ela já está inserida em uma comunidade, sendo a família a primeira e a menor em relação ao que virá pela frente.

[37] *Ibid.* p. 213.
[38] *Ibid.* p. 174.
[39] STEIN, 1926-1938/199b in I*bid.* p. 271.

Edith Stein observa na vida em comunidade não apenas uma possibilidade, mas compreende que “a comunidade é necessária” [40], pois é por meio dela que a pessoa alcança a sua realização enquanto ser humano. Dessa maneira, “a vida em comunidade é útil e necessária para a formação da pessoa, pois governa para um conhecimento mais amplo e coerente de si mesma, do outro e do mundo”[41].

4.1 O SER HUMANO COMO SER SOCIAL

Aristóteles dizia que o homem é por natureza um ser social, e tal afirmação no campo da análise steiniana fica mais claro, e por isto “a educação social é necessária, e isso se justifica porque o ser humano não nasce acabado, tanto em seu amadurecimento pessoal quanto no sentido de plenamente integrado como membro da comunidade”[42], assim o viver em comunidade corresponde no fato de que a pessoa não apenas agrega coisa a si a partir do meio, mas também colabora para o desenvolvimento da comunidade. A vida em comunidade leva sempre a pessoa a um redescobrir-se segundo o conviver e o relacionar, “portanto, para que ele desenvolva sua humanidade [ser humano], é preciso que ele receba ajuda de outras pessoas e que esteja inserido em um ambiente que colabore na sua completa formação”[43].

Edith Stein falando sobre o “estar em” e o “viver com”, elabora uma análise baseando-se no modo como se vive junto ao outro, afinal no modo de viver em grupo o ser humano pode escolher viver como sociedade ou comunidade. A característica de viver em grupo é algo comum no ambiente animal, e o homem que faz parte deste gênero também vive em agrupamentos de indivíduos. Assim, Stein na explicação sobre a intersubjetividade faz uma distinção no que significa viver em sociedade e o viver em comunidade. Por meio da subjetividade de um indivíduo se vê a subjetividade do outro, mostrando que entre os

[40] *Ibid.* p. 269.
[41] *Ibid.* p. 270.
[42] *Ibid.* p. 273.
[43] *Ibid.* p. 128.

dois existem diferença que revelam uma perfeição, pois o conjunto das diversidades pessoais revelam a beleza da natureza da pessoa humana.

Na relação de sociedade, Stein compreende que o sujeito faz do outro que se relaciona, um objeto (relação sujeito-objeto), ou seja, é um meio para alcançar um objetivo do qual se deseja, mas "é próprio da estrutura da sociedade que as pessoas se relacionem em função de objetivos previamente definidos"[44], a propósito a consideração do outro é de caráter mecânico e instrumental, e com isto a análise dos membros que a ela compõe são analisados segundo a "realização dos fins"[45] que por ela é estabelecido. No entanto, Stein diz que por mais que o outro seja visto como objeto (meio), a sociedade em parte precisa considerá-lo como sujeito (ao menos inicialmente), pelo fato de que os interesses definidos possam ser cumpridos e observados.

A segunda análise feita por Stein na área da subjetividade é a relação sujeito-sujeito, ou seja, à vida em comunidade. Como modo mais perfeito de relação, na comunidade os sujeitos compartilham os mesmos motivos de vida e valores, eles podem compartilhar a vida entre si, mas não apenas em alguns elementos, mas podendo chegar a um compartilhar toda a vida e por um crescimento que permite ser cada vez de modo mais íntimo. Isto porque, o outro é um "ser junto" e não um "ser para", onde viver com o semelhante é descobrir-se e ajudar. Neste sentido Edith Stein diz que "em cada comunidade podemos identificar os valores estéticos do seu ambiente, os valores éticos incorporados na sua moral, os valores religiosos englobados na sua religião, os valores pessoais que podem provir do passado ou mesmo do presente"[46], e como todos da comunidade representam uma comunhão, estes valores afetam todos os membros.

Observando a relação intersubjetiva que as pessoas exercem, observa-se que até mesmo na sociedade percebe-se que ao menos em

[44] A. G. COELHO JÚNIOR; M. MAHFOUD, p. 19.
[45] *Ibid.*
[46] STEIN, 1922/1999n in *Ibid.* p. 21.

parte deve considerar o sujeito, por isto Stein dizia que “a sociedade não poderia existir sem ser, até um certo ponto, uma comunidade”[47], e não se deve pensar que a consideração do sujeito seja apenas em uma delas, mas em ambas uma vez que a “intersubjetividade designa a relação em que dois sujeitos interagem como sujeitos”[48].

A pessoa “só pode experimentar a sua própria singularidade na abertura à alteridade, quer dizer, em relação a outro eu”[49], por isto não há como falar sobre formação da pessoa sem antes reconhecer a sua relação intersubjetiva como via de construção do seu caráter. A dimensão social é parte constitutiva da pessoa, e por mais que nas suas relações, ela viva hora com característica da sociedade, hora como comunidade, quando ela alcança e vê a beleza que é poder viver com o outro, tudo toma um novo rumo e alcança um novo sentido. O compartilhamento de valores e motivos na relação “eu-tu-nós” conduz o homem ao estágio perfeito da vida com o outro que é a comunidade.

4.1.1 Pessoa e integração social

Como foi apresentado a relação é de suma importância, isto porque o “o outro é um mediador, que permite descobrir a mim mesmo como sou constitutivamente”[50], e neste sentido Stein desenvolve uma análise da pessoa em relação a empatia, pois para integrar socialmente a pessoa pode-se fazer recurso da mesma como ajuda para unir-se a comunidade.

A empatia pode ser entendida como “ato de compreensão da vivência alheia, que também é fonte da própria compreensão da nossa própria constituição pessoal, ou seja, é reconhecendo o outro na sua integridade e peculiaridade que podemos ter um estrato mais aproximado de nós mesmos”[51], deixando claro a importância da pessoa

[47] *Ibid.*
[48] E. A. RABUSKE. *Antropologia filosófica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 147.
[49] M. MAHFOUD; J. SAVIAN FILHO, p. 122.
[50] RABUSKE, 1986, p. 147.
[51] R. BAREA. *O tema da empatia em Edith Stein*. Santa Catarina: UFSM, 2015. p. 101.

no meio social, no qual ele partilha a sua vida com o outro. O exercício da empatia tem a função de ajudar a pessoa a reconhecer a si, tendo sempre a vida do outro no seu ser, e este reconhecer de si e do outro fornecerá base para a compreensão da constituição da pessoa.[52] Ales Belo, demostrava que por meio da empatia o outro "é semelhante a mim e que pode viver estruturalmente aquilo que vivo, que compartilhamos os mesmos atos, também se articula na personalidade peculiar de cada um de nós; assim, para tal razão, é possível conhecer-se reciprocamente"[53] .

Ao ser capaz de compreender o outro por meio da empatia a pessoa será capaz de viver uma perfeita relação intersubjetiva em comunidade, e estando neste contexto cada indivíduo será capaz de "sentir-se conectado aos outros a partir do seu próprio interior, unido por uma série de traços comuns", gerando portanto, o sentimento de pertença, e sendo capaz de integrar as realidades externas a si, a pessoa verá que não é autossuficiente e será capaz de "desenvolver sua própria humanidade por meio da mediação de seus semelhantes"[54], constituindo assim, a pessoa humana como um "ser naturalmente sociável"[55].

4.2 PESSOA E TRANSCENDÊNCIA

A consideração de que o homem é um ser transcendente, é algo fundamental para a compreensão da dimensão da pessoa humana, afinal será esta que irá separar o ser humano dos demais animais, uma vez que o transcender se restringe à pessoa humana. Transcendência pode ser entendida como "o movimento com o qual o homem supera continuamente a si mesmo; este movimento tem uma direção e aponta para uma meta: o Absoluto"[56], com esta definição se clarifica que é um

[52] Cf. *Ibid*. p. 102.
[53] BELLO, 2014 in. *Ibid.*
[54] M. MAHFOUD; J. SAVIAN FILHO, p. 125.
[55] *Ibid*.
[56] RAMÓN, L. L. *O homem espírito encarnado*: compêndio de filosofia do homem. São Paulo: Seminário Maria Mater Eclesiae, 2005. *p*. 167.

movimento que parte primeiramente do humano para assim chegar ao Absoluto, sendo este um caminho necessário.

A transcendência é algo que parte da intersubjetividade, ou seja, relação de si para com outro, mas ela pode estagnar em campos que não conduz a sua meta originária que é o que defende Edith Stein, o Absoluto. Neste sentido pode-se falar de transcendência no sentido imanente e de conduzir a Deus. No estágio imanente a pessoa supera a si mesma, mas totalmente voltada para a realidade material, não tendo um fundo ao Absoluto, enquanto o estágio que aponta para Deus a pessoa supera a própria natureza, mas com o olhar e meta em alcançar o Absoluto. E será no segundo estágio que residirá o pensamento steiniano.

A consideração da pessoa como ser transcendente é importante, uma vez que Stein ao trabalhar a interioridade (como lugar a ser formado), reconhece que "o conceito de núcleo central da pessoa demonstra que, na profundidade da interioridade humana, encontra-se a abertura para o ser divino" [57], e ao reconhecer a incomensurável singularidade do ser pessoal (núcleo), Stein reconhece "a individualidade intangível da pessoa humana ao ser-a-imagem-de-Deus, [e] aponta de modo radical para a abertura essencial do ser finito em direção ao ser eterno que constitui o fundamento de seu ser"[58], ou seja, a pessoa depara em seu ser um outro ser que é o apoio e o fundamento do seu ser, e este ser no qual ela se apoia não possui em si mesmo nenhum apoio e fundamento (Deus). E o núcleo da alma "é o ponto da singularidade humana que se abre, em suas profundezas, ao abismo do mistério divino"[59].

O ser pessoa se revela na maior relação de intersubjetividade, ou seja, por meio da amizade, e esta é muito importante pois ela "é uma forma de amor que procura se associar aos seres e exige ultrapassar a cobiça voltada para o próprio interesse. A amizade é da ordem daquele

[57] A. A. SBERGA; M. MASSIMI, p. 221.
[58] M. MAHFOUD; J. SAVIAN FILHO, p. 64 (grifo nosso).
[59] *Ibid*. p. 136.

amor recíproco pelo qual eu amo uma pessoa como alguém cujo bem eu desejo”[60]. No entanto, Stein faz uma distinção, afinal, mesmo neste ponto alto a amizade ainda é algo que provém do amor natural, ao qual se quer o amado (o amigo) mas esta não conduz para uma realização de si, por esta razão Stein apresenta que a amizade deve conduzir para o amor de caridade.

O amor de caridade é importante pois ele coloca a pessoa “diante do outro como diante de um próximo”[61], e este constitui em si uma impossibilidade natural, pelo fato de tratar de um amor que vai além das forças meramente humanas, podendo concluir que este “deve necessariamente beber em uma fonte transcendente, uma fonte de energia situada para além da sua própria natureza”[62], levando a entender que “o amor de caridade é a amizade assumida na abertura à ordem da Graça, que Edith Stein define precisamente como o Espírito de Deus que vem, o amor divino que desce sobre nós”[63]. Para a perfeita vida em comunidade é preciso verdadeira amizade baseado no amor que eleva a existência.

A abertura da pessoa para o eterno, conforme Edith Stein constitui o fundamento do seu ser, concluindo que “o fim da existência do homem é conhecer a Deus, amá-lo e servi-lo”[64], pois Nele está a plena realização e sentido de toda atualização do núcleo.

5 CONCLUSÃO

O caminho a ser percorrido por cada pessoa para a formação é longo e necessário, afinal ele requer esforço e coragem, pois o encontrar consigo mesmo causa muitas vezes desconforto, mas é de

[60] *Ibid.* p. 137.
[61] *Ibid.* p. 138.
[62] *Ibid.*
[63] *Ibid.*
[64] G. BAVARESCO. *O conceito de pessoa em Edith Stein*. Caxias do Sul: UCS, 2017. p. 50.

extrema necessidade. A superação da crise existencial, ocorre apenas quando o conhecimento de si é integral.

Elaborar um processo formativo não é impor rótulos determinantes que necessariamente precisam ser seguido, entretanto formar é “ajudar a descobrir aquilo que é específico da pessoa, para permitir que seu potencial aflore”[65], é levar a pessoa a ser aquilo que ela deve ser, ou seja, atualizar as potências que residem no núcleo, é também mostrar que o outro possui valor, pois o encontro de subjetividades revelam a perfeição, mas principalmente mostrar que a pessoa humana é um ser querido por Deus, e que sempre está unido a ele pelo seu ser.

A pessoa humana precisa reconhecer a sua autonomia no governar a si mesmo, afinal o autodomínio traz grande satisfação, pois o desejo de Edith Stein era que autonomamente cada um consiga tomar decisões responsáveis para si e para os outros.

O reconhecimento de que cada pessoa é educada para um fim específico, é tarefa do formador que busca auxiliar no caminho de reconhecimento pessoal, demostrando a individualidade e interioridade que cada ser pessoal possui, e que o faz diferente dos outros. E a respeito da autenticidade, Stein diz que quem consegue chegar à casa da individualidade (núcleo) “descobre a beleza de sua própria existência”[66], por saber que não existe ninguém semelhante a si.

Cada um possui um potencial, bem como capacidades únicas, neste sentido o grande desafio é não se deixar com que um ser humano perca a alegria de viver ou morra sem atualizar dentro de si as características e potencialidades que carrega no interior da sua personalidade.

Ser pessoa é algo que todo ser humano precisa tomar como característica do seu ser, e a partir de tal consideração deve-se ter em mente que cada um é responsável pela própria realização, e por isto o

[65] SBERGA, p. 174.
[66] A. A. SBERGA; M. MASSIMI, p. 221.

querer ser cada vez mais atualizado, deve brotar do interior de cada um.

REFERÊNCIAS

ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein.* São Paulo: Perspectiva, 2014.

BABUSKE, Edvino. *Antropologia filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BAREA. Rudimar. *O tema da empatia em Edith Stein*. Santa Catarina: UFSM, 2015.

BAVARESCO. Gilson. *O conceito de pessoa em Edith Stein*. Caxias do Sul: UCS, 2017.

COELHO JÚNIOR, Achilles Gonçalves; MAHFOUD, Miguel**.** *A relação pessoa-comunidade na obra de Edith Stein*. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/10022/7743>. Acesso em 19 set. 2018 às 14h15.

CRUZ, Manuele. *Breve Tratado sobre Pessoa, Comunidade e Empatia em Edith Stein.* Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/19.pdf>. Acesso em 27 set. 2018 às 16h45.

KUSANO, Mariana. Bar. *A Antropologia de Edith Stein:* entre Deus e a filosofia. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

MAHFOUD, Miguel.; SAVIAN FILHO, Juvenal. (orgs.). *Diálogos com Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2017.

RAMÓN, Lucas. Lucas. *O homem espírito encarnado:* compêndio de filosofia do homem. São Paulo: Seminário Maria Mater Eclesiae, 2005.

SBERGA, Adair Aparecida. *A formação da pessoa em Edith Stein:* um percurso de conhecimento do núcleo interior. São Paulo: Paulus, 2014.

_____, Adair Aparecida; MASSIMI, Marina. *A formação da pessoa em Edith Stein, princípios educativos e aproximação com o Sistema Preventivo de Dom Bosco*. Disponível em: <http://revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/download/397/317/>. Acesso em 04 out. 2018 às 15h05.

STEENBERGHEN, Fernand Van. *O Tomismo*. Lisboa: gradiva, 1990.